

Revista de Comunicação Científica: RCC



ARTIGO

O POVO IKPENG

The Ikpeng people

La gente de Ikpeng

Pomerquenpo Txicao
Mestrando do Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu Mestrado Profissional em Ensino e
Contexto Indígena Intercultural - UNEMAT.
E-mail: pomerquenpo.txicao@unemat.br

Carlos Edinei de Oliveira
Professor Doutor do PPGECL - Programa de
Pós-Graduação Scrito Mestrado Profissional em
Ensino e Contexto Indígena Intercultural –
UNEMAT / Professor do Programa de Pós-
Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Profissional
em Ensino de História – ProfHistória - UNEMAT
ORCID: 0000-0003-2596-4079
E-mail: carlosedinei@unemat.br

Como citar este artigo:

TXICAO, Pomerquenpo & OLIVEIRA, Carlos
Edinei de. O povo Ikpeng In **Revista de
Comunicação Científica – RCC**, Jan./Maio, Vol.
I, n. 7, pgs. 184-194, 2021. ISSN 2525-670X.

Disponível em:
<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume I, número 7 (2021)
ISSN 2525-670X

O POVO IKPENG

The Ikpeng people

La gente de Ikpeng

Resumo

O texto apresenta uma proposta de pesquisa sobre a trajetória percorrida pelos Ikpeng, desde a sua retirada forçada do território ancestral que habitavam, até se instalarem na atual Terra Indígena do Alto Xingu. A metodologia mais adequada para promover esta investigação será a pesquisa participante que se revela de suma importância como metodologia, no sentido de recuperar a voz dos anciãos, lideranças e outros, que exercerão a função de interlocutores privilegiados da pesquisa fornecendo as informações essenciais para a compilação dos dados empíricos.

Palavras – Chave: Território Original Ikpeng, Memória, História.

Abstract

The text presents a research proposal on the trajectory followed by the Ikpeng, from their forced withdrawal from the ancestral territory they inhabited, to settling in the current Upper Xingu Indigenous Land. The most suitable methodology to promote this investigation will be the participant research that proves to be of paramount importance in the methodological assistance in order to recover the voice of the elders, leaders and others, who will exercise the role of privileged interlocutors of the research, providing the essential information for the compilation empirical data.

Keywords: Original Ikpeng Territory, Memory, Story.

Resumem

El texto presenta una propuesta de investigación sobre la trayectoria seguida por los Ikpeng, desde su retirada forzada del territorio ancestral que habitaban, hasta el asentamiento en la actual Tierra Indígena del Alto Xingu. La metodología más adecuada para impulsar esta investigación será la investigación participante que resulte de suma importancia en la asistencia metodológica a fin de recuperar la voz de los mayores, líderes y demás, quienes ejercerán el rol de interlocutores privilegiados de la investigación, brindando la información esencial para la recopilación. datos empiricos.

Palabras clave: Territorio original de Ikpeng, Memoria, Historia.

O povo Ikpeng

Introdução

Este texto apresenta uma proposta de pesquisa sobre a trajetória histórica do povo Ikpeng. A pesquisa deve se configurar como uma investigação no campo da história indígena e tem como finalidade ser produzida por meio da pesquisa participante a ser realizada junto ao povo Ikpeng, da Aldeia Moygu e Arayo terra indígena Xingu, localizada no Município de Feliz Natal - MT do qual o autor Pomerquenpo Txicao é pertencente.

A proposta de pesquisa se justifica, na necessidade do povo Ikpeng ter registro acerca da transferência do povo ancestral do seu território tradicional para Terra indígena do Xingu, no contexto das trajetórias decorrentes dos avanços dos colonizadores para região do Centro-Oeste do país.

Sobre a terra indígena do Xingu podemos informar:

A Terra Indígena do Xingu (antigo Parque Nacional Indígena do Xingu) foi homologada em 1961 pelo então presidente Jânio Quadros. Hoje, esta é a principal parcela de um Território ampliado, conformado também pelas TIs Batovi, Wawi e Pequizal do Naruvôto, que estende-se por mais de 26 mil km² (SERBER, 2018, p.18)

E, que:

A Terra Indígena Parque do Xingu foi oficialmente criada em 1961, mas sua homologação só ocorreu em 1991. Nesta terra vivem 14 povos indígenas: Aweti, Kalapalo, Kamaiurá, Kuikuro, Matipu, Mehinaku, Nahukuá, Trumai, Waura e Yawalapiti, que compreendem o complexo sociocultural altoxinguano, e também os Kaiabi, Kisêdjê e Yudjá, além dos Ikpeng. O Parque possui a extensão de 2.642.003 mil hectares e representa uma área de conservação única da biodiversidade que agrega biomas de transição do cerrado para Amazônia. O Parque é reconhecido internacionalmente pelo sistema singular sociocultural altoxinguano que apresenta várias semelhanças de visões de mundo, práticas culturais e intenso intercâmbio de trocas sociais e matrimoniais apesar das diferenças linguísticas destes povos. (MUSEU DO ÍNDIO, 2021, p.01)

O texto apresentará os objetivos da pesquisa, assim como alguns aspectos da configuração do povo Ikpeng e sua trajetória para a região do Xingu. A tentativa de voltar ao território tradicional, na região do Rio Jatobá, já é uma demanda institucional conforme consta um processo na Fundação Nacional do Índio (FUNAI)

O povo Ikpeng

através da Portaria n. 1231 de 22 de setembro de 2006 que solicita estudos para identificação e delimitação da área dos Ikpeng.

A transferência do povo Ikpeng do seu território original, pode ter provocado uma nova dinâmica sociocultural-econômica, que provocou mudanças no modelo tradicional de sociedade sustentável dos Ikpeng, o que têm sido uma constante preocupação das lideranças e anciãos para identificação e delimitação do seu território, desta forma, faz-se de extrema relevância acadêmica e social conhecer, pela como é que se deu a transferência do território tradicional Ikpeng para a Terra Indígena do Xingu.

Do ponto de vista do referencial teórico para embasar qualitativamente, se faz mister recorrer aos estudos já realizados por autores que tem seus focos de análise o povo Ikpeng, tais como Mário E. Simões (1963), Patrick Menget (2001), dentre outros. Com isso busca-se ressaltar a importância de valorizar o pertencimento das gerações mais jovens ao povo Ikpeng como fator de fortalecimento dos aspectos essenciais da cultura.

2 A proposta de pesquisa e seus objetivos e metodologia

Será objetivo geral da pesquisa registrar a trajetória do povo Ikpeng de modo a compreender os processos e os resultados da transferência do seu território tradicional para a atual Terra Indígena do Xingu. Além de forma específica, mapear a trajetória dos Ikpeng com o intuito de registrar os processos históricos e os deslocamentos territoriais e culturais sofridos por este povo indígena.

Muito sinteticamente, podemos mencionar que os Ikpeng tiveram contato com o mundo não-indígena apenas na década de 60, a partir do qual sua população entrou em grave declínio, reduzindo-se drasticamente em função de doenças e conflitos com outras etnias já munidas com armas de fogo. Até o momento de sua transferência ao TIX – quando foram “pacificados” pelos irmãos Villas-Boas – os Ikpeng viviam em estado de guerra com seus vizinhos alto-xinguanos. Embora hoje os Ikpeng mantenham relações de aliança com os demais povos do TIX, a guerra permanece ocupando uma posição central em sua cosmologia e figurando como um elemento distintivo de sua identidade étnica. (SERBER, 2018, p.23).

O povo Ikpeng

Estudar a história dos contatos dos Ikpeng com vistas a refletir sobre as condições simbólicas e pragmáticas sobre as quais se deram os contatos e por meio do emprego da metodologia com as fontes orais, fazer o registro das memórias dos anciãos de modo a contribuir com a preservação dos conhecimentos tradicionais dos Ikpeng.

A coleta de depoimentos e entrevistas com os principais interlocutores, histórias de vida, sobretudo com os mais velhos, na busca de recuperar informações sobre os seus trajetos, deslocamentos e modo de vida, tendo como objetivo coletar dados que, dentre outras informações importantes no desenvolvimento da pesquisa esteja a questão da transferência e ocupação do território.

A metodologia mais adequada para promover esta investigação será a pesquisa participante que se revela importante no sentido de registrar a voz dos anciãos, lideranças e outros, que exercerão a função de interlocutores privilegiados da pesquisa fornecendo as informações essenciais para a compilação dos dados empíricos.

A pesquisa participante será realizada em consonância com o a pesquisa do tipo etnográfico, com uso metodológico da observação participante, entrevista intensiva, com auxílio da pesquisa documental e da análise de documentos.

Como o autor Pomerquenpo Txicao é do povo Ikpeng, como pesquisador ele tem interação com o povo pesquisado, conforme destaca a autora a seguir:

A observação é chamada de participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a sendo por ela afetado. As entrevistas têm a finalidade de aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados. Os documentos são usados no sentido de contextualizar o fenômeno, explicitar suas vinculações mais profundas e completar as informações coletadas através de outras fontes. (ANDRÉ, 1995, p.28).

O pesquisador estará em constante interação com o objeto pesquisado, sendo o pesquisador o instrumento principal na coleta e posteriormente na análise dos dados. Não esquecendo que nesta relação, o pesquisador é dotado de conhecimento, e está produzindo conhecimento, não sendo o conhecimento produzido isento de valoração.

O povo Ikpeng

A pesquisa cuja ênfase será no processo, deverá interrogar os anciãos sobre o significado do território tradicional, e o que a mudança para o novo território impactou em relação a forma de viver dos Ikpeng. Desta forma, o pesquisador poderá ver como os Ikpeng veem a si mesmos, e quais os resultados dessa experiência em viver em um território que não é deles tradicionalmente.

Esta pesquisa envolverá um significativo trabalho de campo, pois o pesquisador se aproximará mais do que de costume das pessoas, terá que estar atento as percepções sobre os acontecimentos da sua comunidade. A aproximação deverá ser longa e prolongada, porém a observação deverá ser constante, diária e de forma natural. Desta forma, o trabalho intenso será no universo da pesquisa, ou seja, a pesquisa será *in loco*, sendo realizado um bom registro de campo, com detalhadas descrições, para que novos conceitos, novas relações e no caso do estudo em pauta, a trajetória do povo Ikpeng do território tradicional para o que eles ocupam no Xingu sejam compreendidos tendo como referência seus agentes.

A pesquisa bibliográfica que irá fundamentar a configuração sobre a escrita da cultura do povo Ikpeng será construída com a leitura das produções realizadas pelos estudos antropológicos, etnológicos clássicos e de leituras de dissertações e teses cuja temática é a história e a cultura Ikpeng, disponível em textos impressos e digitais.

3 Nós, os Ikpeng. Por Pomerquenpo Txicao

Os Ikpeng foram contatados em 1964, tradicionalmente ocupavam a região do município de Paranatinga MT, às margens do Rio Jatobá e Ronuro. Hoje vivemos em quatro aldeias – aldeia Moygu mais populosa, Arayo, Tupara segunda Aldeia populosa e Rawo cujo processo de homologação das terras indígenas deixou de fora o antigo território tradicional dos Ikpeng sendo que nossa origem foi na região litorânea do Pule (Amazonas).

Fizemos uma grande trajetória da origem até os dias de hoje, éramos nômades e a cada ano migrávamos para outro território, conforme a necessidade dos recursos naturais que precisávamos e se acabavam. Seguimos os rios Tapajós,

O povo Ikpeng

Iriri e Teles Pires e durante esse processo encontrávamos outros povos indígenas com quem guerreávamos e aprendíamos muitas coisas, como a tecelagem.

Nessa época éramos destemidos e ainda somos, no passado atacávamos com frequência as aldeias dos outros povos para adquirirmos panelas de cerâmica, utensílios e crianças. Nessa trajetória chegamos ao sudoeste do Parque Indígena Xingu, acompanhando o rio Batovi, Roro Walu ou rio Jatobá e rio Ronuro. Nesta região guerreávamos com índios Waura, Mehinaku, Nafukua, Trumai e Bakairi, que habitavam o sul do Xingu. Em meados da década de 1950, fizemos uma última guerra contra o povo Waura, raptando duas crianças: Kamiru e Txialu. Por sua vez, os Waura, com armas de fogo obtidas de um branco, nos atacaram e mataram doze pessoas de nossa aldeia na tentativa de resgatá-las.

Algum tempo depois, epidemias de gripe e de sarampo nos adoeceram, trazidas por garimpeiros e aventureiros que invadiram nosso território, dizimaram metade da nossa população. Em 1964 tivemos o primeiro contato pacífico com o homem branco, quando os irmãos Orlando e Cláudio Villas-Bôas vieram até nós oferecendo facões, machados, panelas de alumínio entre outros utensílios. A partir daquele momento nossa vida mudou muito, porque tivemos que nos adaptar a um modo de vida bastante diferente do nosso. Somos povo falante da família linguística Karib e que em virtude dos contatos tivemos também de aprender o português.

Nós, os Ikpeng fomos contatados oficialmente em outubro de 1964, em uma expedição organizada pelo antigo Serviço de Proteção ao Índio - SPI. Após o contato que os Ikpeng (antigamente denominados de Txicão), foram estudados pela etnografia. Conforme à etnografia, nós estabelecemos uma proximidade cultural com os Arara do norte amazônico e das Guianas. A língua está inserida no complexo Arara.

O primeiro contato mais prolongado dos Ikpeng com brasileiros de que se há notícia data de 1964. O etnólogo Eduardo Galvão, presente a esse encontro, recolheu uma dúzia de vocábulos que lhe permitiram estabelecer a afinidade da língua desse povo com a língua Apiaká (do Tocantins) e o Yaruma dos antigos inimigos dos Kalapalo e dos Suyá (Galvão e Simões, 1965:24). Ademais, há imensas similaridades lexicais de sua língua com a de diferentes grupos chamados Arara, da região do Baixo Xingu – o que leva a crer na existência de uma língua Arara na família Karib. Essa língua, no entanto, nos parece mais próxima de grupos karib do norte da Amazônia (Apalai, Wayana,

O povo Ikpeng

Trio etc.) do que dos Kalapalo ou dos Kuikuro (ambos karib) alto-xinguanos. (TRONCARELLI; MENGET, 2020, p.2).

Relatos históricos dão conta que na região do rio Ronuro havia duas aldeias muito grandes: Rengmung (areia grande) e Onmuk (lugar de barro para cerâmica). Estas aldeias eram próximas de uma lagoa rapiuakpo (lugar de conchas). Algumas lideranças que moravam nestas aldeias ainda são lembradas como Ariwa, Payuka, Wokya, Moena. Apesar das dificuldades de se mensurar o tempo de permanência dos Ikpeng nesta região do rio Ronuro, as atuais lideranças afirmam que ocorreram sete festas e, sendo que estas ocorrem aproximadamente a cada dois anos, estima-se que os Ikpeng permaneceram nesta região por pelo menos 15 anos, antes que se mudassem para o rio Jatobá, que é um tributário do rio Ronuro.

A região do rio Jatobá foi descoberta durante uma caçada para a festa do Apa quando os Ikpeng ainda moravam no rio Ronuro. Esta região era boa para morar porque tinha muita caça, muito macaco, mutum, paca, papagaio, garça, capivara, quati, porco. Também era rica de peixes, como pacu, matrinchã, cará, puko, curimata, tiwom, igarak, yaremte, yenakotu, aro, luli e rapiu (concha para fazer amtono – os brincos Ikpeng).

Também havia muitos remédios como oruwuk, ragop, rïmu, awianawïtarin entre outros. Nesta área, segundo o relato dos mais velhos, moravam aproximadamente 500 pessoas, formando em torno de 60 famílias que habitaram oito aldeias. Os Ikpeng visitavam muitas lagoas para pescar com timbó, as aldeias eram muito ricas em panat, palmeira de onde retiram as fibras do broto para manufaturar bolsas. Havia um lugar tukto, que era um mato de terra preta que havia muito panat. Outros lugares muito importantes para os Ikpeng, para a coleta de recursos, são: a lagoa das conchas (rapiunyegun), o canal que ligava o rio Jatobá até a lagoa tataratpalu, também conhecido como caminho dos peixes, o lugar de coleta de ponta de flecha, purumutxiakpo e o lugar de coleta de uma planta medicinal, ragop, conhecido com ragopakpo.

A vida na região do rio Jatobá teve momentos distintos, em relação ao bem-estar dos seus habitantes. Alguns velhos relatam que teve momentos muito bons, de fartura de alimentos e festas. No entanto, perto do contato com o mundo dos brancos, ocorreu uma epidemia de sarampo, guerras com os Waurá, Kamayura e

O povo Ikpeng

Awetí, A população foi reduzida pelas mortes ocasionadas por estes confrontos. Contam que antes da última investida dos Waurá, eles estavam se preparando para mudar de aldeamento e a guerra provocou algumas mortes entre os Ikpeng.

Considerações Finais

O texto cuja finalidade é apresentar uma proposta de pesquisa sobre a trajetória histórica do povo Ikpeng, terá como resultado dar conhecimento ao povo Ikpeng, em especial aos jovens motivação para sentir orgulho pelo pertencimento da cultura Ikpeng, conforme também afirma o texto:

Em 1967, foram exilados no Parque Indígena do Xingu, em Mato Grosso. Ameaçados pela invasão de garimpeiros, deixaram o território que ocupavam à beira do rio Jatobá, a sudoeste do Parque, mas fora dos seus limites, e se deixaram levar pelos irmãos Claudio e Orlando Villas Bôas para dentro da maior terra indígena demarcada na época. A etnia já vinha sofrendo muitas perdas. Contavam então pouco mais de 50 indivíduos, a maioria fraca e doente. Embora estejam no Xingu há quase 45 anos e contêm hoje com cerca de 460 indivíduos, os Ikpeng desejam voltar ao rio Jatobá. Lutam para retomar suas terras, transformadas em fazendas e invadidas por madeireiros. E foi justamente esse desejo que levou a comunidade a iniciar um debate sobre sua origem, história e identidade cultural. Para os velhos, recuperar a memória é manter viva a tradição. **Para os jovens, é parte de um processo de autoconhecimento em uma cultura em constante transformação** (MAGALHÃES, 2021, p.16. Grifo nosso.).

Em síntese, o primeiro encontro oficial entre os Ikpeng e a sociedade nacional só viria a ocorrer em 1964, durante uma expedição na qual estavam presentes o antropólogo Eduardo Galvão e os sertanistas Cláudio e Orlando Villas Boas, além de outros integrantes da equipe.

Naquela época a região onde habitavam, começava a ser invadida por aventureiros brancos em busca de caça, ouro, diamantes e desta maneira havia uma preocupação em proteger este grupo dos confrontos e doenças ocasionadas por esta aproximação, pois esta era a última etnia que habitava a região do alto Xingu, ainda sem ter sido contatada pelos irmãos Villas Boas. O encontro ocorreu numa pista de pouso improvisada numa região de vegetação rasteira, próxima da lagoa

O povo Ikpeng

igarakyegun e estavam presentes Wawanã, Wompi e Kantawo (um deles Kantawo já faleceu, mas os outros dois continuam vivos).

Naquela época, logo após o primeiro contacto apareceram muitos garimpeiros subindo o rio Jatobá. Isto era observado pelo grande número de barcos carregados de peões com enxadas e peneiras. Contam que isto trouxe doenças, causando mortes para os Ikpeng.

Em 1967, no final de julho, os Villas-Bôas apareceram para levar todas as famílias para o Parque Indígena do Xingu. Algumas famílias que não queriam se mudar, mas foram convencidas e todos os Ikpeng foram transferidos para o Xingu. Foram habitar em território que era no passado ocupado por seus inimigos, e isto trazia muita preocupação a todo o grupo. Chegaram ao posto Leonardo Villas-Bôas em 28 de julho de 1967, ao todo 30 índios foram transferidos, incluindo homens, mulheres e crianças.

Assim, é de suma importância conhecer e registrar a trajetória histórica do povo Ikpeng que tornam evidente que esta área foi habitada pelos Ikpeng durante algumas centenas de anos antes do contato com os não índios.

Referências

ANDRÉ, Marli D. A. de André. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

FERREIRA, Mariana Kawall Leal (Org.). **Histórias do Xingu**: coletânea de depoimentos dos índios Suyá, Kayabi, Juruna, Trumai, Txucarramãe e Txicão. São Paulo: USP-Fapesp, 1994.

GALVÃO, Eduardo. Diários do Xingu (1947-1967) In: GONÇALVES, Marco Antônio Teixeira (Org.). **Diários de campo de Eduardo Galvão**: Tenetehara, Kaioa e índios do Xingu. Rio de Janeiro : UFRJ, 1996. p. 249-381.

MAGALHÃES, Júlia. Guerreiros da paz. **Cultura**. p.14-19. Disponível em: http://www.ikpeng.org/_pdf/revista-indio.pdf. Acesso em 20 dez. 2021.

MENGET, Patrick. **Em nome dos outros**: classificação das relações sociais entre os Txicão do Alto Xingu. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001.

O povo Ikpeng

MUSEU DO ÍNDIO. **Ikpeng**: localização. Disponível em: <http://prodoclin.museudoindio.gov.br/index.php/etnias/ikpeng/povo>. Acesso em 20 dez. 2021.

SERBER, Luiza de Paula Souza. **Regimes de produção e circulação imagética no território indígena do Xingu**. Dissertação. 169f. Antropologia Social. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

SIMÕES, M.F. Notícia sobre os índios Txikão. Alto Xingu In **Boletim do MPEG: Série Antropologia**. Belém: MPEG, n.s., n.24, 23 p., 1965.

SIMÕES, Mário E. **Os "Txikão" e outras tribos marginais do alto Xingu**. Rev. do Museu Paulista, São Paulo: USP, v.14, p.76-105, 1963.

TRONCARELLI, Maria Cristina. MENGET, Patrick. Ikpeng. **Povos Indígenas do Brasil**. Disponível em: <https://www.indios.org.br/pt/Povo:Ikpeng>. Acesso em 18 out. 2020.

VILLAS BÔAS, Cláudio; VILLAS BÔAS, Orlando. **A marcha para o oeste**: a epopéia da expedição Roncador-Xingu. São Paulo: Globo, 1994. 615 p.

Recebido: 13/09/2020

Aprovado: 30/01/2021

Publicado: 30/06/2021